

**Falta de resposta do SNS empurra doentes com psoríase para o privado**

URL:

<https://www.noticiasao minuto.com/pais/675917/falta-de-resposta-do-sns-empurra-doentes-com-psoriase-para-o-privado>

Mais de metade dos doentes com psoríase são seguidos no setor privado por falta de resposta do Serviço Nacional de Saúde, apesar de a referenciação feita pelo médico de família ser a adequada, revela um estudo pioneiro hoje apresentado.

PUB

O estudo "Pessoa -- viver com psoríase", desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e a Associação de doentes de psoríase, é o maior estudo epidemiológico alguma vez feito sobre a doença, pela dimensão da amostra (cerca de 600 doentes), pela abrangência geográfica (continente e ilhas) e pela abrangência dos domínios estudados -- caracterização dos doentes, acesso aos cuidados de saúde, qualidade de vida dos doentes e os aspetos terapêuticos.

Segundo a investigadora que coordenou o estudo, Sofia Oliveira Martins, da Faculdade de Farmácia, este estudo surgiu da necessidade de se ter uma "fotografia desta população", uma vez que havia muitos dados parciais sobre doentes de psoríase, mas não havia ainda dados globais.

E esta necessidade surgiu porque em 2016 a Organização Mundial da Saúde (OMS) mudou a visão sobre a psoríase e emitiu um 'report' especial, focando o facto de que a psoríase devia deixar de ser vista como doença da pele e passar a ser vista como doença sistémica, em que as principais manifestações são da pele, mas com muitas outras comorbilidades, nomeadamente cardíaca e depressão.

Na opinião da investigadora, este estudo nacional tem ainda a mais-valia de transmitir uma visão que é a reportada pelo próprio doente.

Entre as principais conclusões do estudo, a que Sofia Oliveira Martins mais destaca pela sua gravidade é a de que apesar de haver uma boa referenciação para diagnóstico - os doentes com facilidade tiveram acesso ao dermatologista para fazer diagnóstico -- depois para serem seguidos, mais de 50% da amostra é seguida no setor privado.

De acordo com os dados do estudo, 51,9% são seguidos no privado, 27,4% nos hospitais públicos e 20,8% nos centros de saúde.

Uma das razões para isto acontecer, invocada pelos doentes, é que o SNS não dá resposta de todo para o seguimento para os casos de psoríase.

"Em termos de custos para o doente isto é extremamente gravoso", até porque os medicamentos usados no público são diferentes do privado.

"Alguns medicamentos são só de uso hospitalar ao nível do SNS e aos quais, porque são tão caros, o doente do privado não tem acesso", afirmou.

Trata-se de medicamentos mais inovadores e que abordam a doença na sua globalidade, ao contrário dos que são usados pela maioria da população inquirida e que são os aplicados na pele.

Em termos de impacto financeiro, cerca de 34% referem que gastam mais de 50 euros por consulta e quase 70% gastam pelo menos 43 euros por mês em medicamentos.

A estes valores acrescem os custos com as deslocações, que podem ir dos 5 euros até mais de 20 euros.

Outra conclusão que saltou à vista foi que apesar de a maior parte dos doentes estarem tratados, mais de metade continua a ter sintomas quase todos os dias, ou seja o seguimento que é feito não permite ao doente deixar de lidar diariamente com os sintomas.

O impacto na qualidade de vida dos doentes é outro dos aspetos dominantes, sobretudo na componente dor e mau estar e ansiedade e depressão.

Com este estudo, que vai ser hoje apresentado na Assembleia da República, a investigadora pretende influenciar os decisores políticos no sentido de tentar mudar o acesso aos cuidados de saúde do SNS, alertando para que se trata de uma doença crónica que não tem cura, sendo pois "fundamental que os doentes possam ter acesso a este sistema para que possam ser tratados".

O segundo passo a ser dado é o de sensibilizar os doentes e a população em geral para que "a psoríase não é uma doença de pele, é uma doença sistémica que tem que ser tratada como tal, uma doença do organismo todo, do sistema imune, autoimune, e que tem que ser tratada como um todo e não apenas como dermatológica".

Na opinião de Sofia Oliveira Martins é importante também sensibilizar a própria comunidade clínica, não os dermatologistas que o sabem, mas os médicos de medicina geral e familiar, no sentido, por exemplo, das comorbilidades, em que "cerca de 30% da população tem depressão, outro tanto hipertensão, artrite psoriática".

A investigadora diz querer mudar o paradigma, da mesma forma que a Organização Mundial da Saúde o fez, mas baseado em dados nacionais.

Tue, 25 Oct 2016 08:07:00 +0200

POR Lusa

**Falta de resposta do SNS empurra doentes com psoríase para o privado**

URL:

<http://lifestyle.sapo.pt/saude/noticias-saude/artigos/falta-de-resposta-do-sns-empurra-doentes-com-psorlase-para-o-privado>

25 Outubro 2016 // Nuno Noronha // Notícias // Com Lusa

Mais de metade dos doentes com psoríase são seguidos no setor privado por falta de resposta do Serviço Nacional de Saúde, apesar de a referência feita pelo médico de família ser a adequada, revela um estudo pioneiro apresentado esta terça-feira (25/10).

créditos: PAULO CUNHA/LUSA

O estudo "Pessoa - viver com psoríase", desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e a Associação de doentes de psoríase, é o maior estudo epidemiológico alguma vez feito sobre a doença, pela dimensão da amostra (cerca de 600 doentes), pela abrangência geográfica (continente e ilhas) e pela abrangência dos domínios estudados - caracterização dos doentes, acesso aos cuidados de saúde, qualidade de vida dos doentes e os aspetos terapêuticos.

Segundo a investigadora que coordenou o estudo, Sofia Oliveira Martins, da Faculdade de Farmácia, este estudo surgiu da necessidade de se ter uma "fotografia desta população", uma vez que havia muitos dados parciais sobre doentes de psoríase, mas não havia ainda dados globais.

E esta necessidade surgiu porque em 2016 a Organização Mundial da Saúde (OMS) mudou a visão sobre a psoríase e emitiu um 'report' especial, focando o facto de que a psoríase devia deixar de ser vista como doença da pele e passar a ser vista como doença sistémica, em que as principais manifestações são da pele, mas com muitas outras comorbilidades, nomeadamente cardíaca e depressão. Na opinião da investigadora, este estudo nacional tem ainda a mais-valia de transmitir uma visão que é a reportada pelo próprio doente.

Veja isto: As doenças mais misteriosas do mundo

Saiba mais: 10 mitos e verdades sobre a perda de cabelo

Entre as principais conclusões do estudo, a que Sofia Oliveira Martins mais destaca pela sua gravidade é a de que apesar de haver uma boa referência para diagnóstico - os doentes com facilidade tiveram acesso ao dermatologista para fazer diagnóstico - depois para serem seguidos, mais de 50% da amostra é seguida no setor privado.

De acordo com os dados do estudo, 51,9% são seguidos no privado, 27,4% nos hospitais públicos e 20,8% nos centros de saúde. Uma das razões para isto acontecer, invocada pelos doentes, é que o SNS não dá resposta de todo para o seguimento para os casos de psoríase.

"Em termos de custos para o doente isto é extremamente gravoso", até porque os medicamentos usados no público são diferentes do privado. "Alguns medicamentos são só de uso hospitalar ao nível do SNS e aos quais, porque são tão caros, o doente do privado não tem acesso", afirmou.

Trata-se de medicamentos mais inovadores e que abordam a doença na sua globalidade, ao contrário dos que são usados pela maioria da população inquirida e que são os aplicados na pele.

Em termos de impacto financeiro, cerca de 34% referem que gastam mais de 50 euros por consulta e quase 70% gastam pelo menos 43 euros por mês em medicamentos.

A estes valores acrescem os custos com as deslocações, que podem ir dos 5 euros até mais de 20 euros.

Outra conclusão que saltou à vista foi que apesar de a maior parte dos doentes estarem tratados, mais de metade continua a ter sintomas quase todos os dias, ou seja o seguimento que é feito não permite ao doente deixar de lidar diariamente com os sintomas.

O impacto na qualidade de vida dos doentes é outro dos aspetos dominantes, sobretudo na componente dor e mau estar e ansiedade e depressão.

Com este estudo, que vai ser hoje apresentado na Assembleia da República, a investigadora pretende influenciar os decisores políticos no sentido de tentar mudar o acesso aos cuidados de saúde do SNS, alertando para que se trata de uma doença crónica que não tem cura, sendo pois "fundamental que os doentes possam ter acesso a este sistema para que possam ser tratados".

O segundo passo a ser dado é o de sensibilizar os doentes e a população em geral para que "a psoríase não é uma doença de pele, é uma doença sistémica que tem que ser tratada como tal, uma doença do organismo todo, do sistema imune, autoimune, e que tem que ser tratada como um todo e não apenas como dermatológica".

Na opinião de Sofia Oliveira Martins é importante também sensibilizar a própria comunidade clínica, não os dermatologistas que o sabem, mas os médicos de medicina geral e familiar, no sentido, por exemplo, das comorbilidades, em que "cerca de 30% da população tem depressão, outro tanto hipertensão, artrite psoriática".

A investigadora diz querer mudar o paradigma, da mesma forma que a Organização Mundial da Saúde o fez, mas baseado em dados nacionais.

Ver artigo por páginas

25 Outubro 2016

**Falta de resposta do SNS empurra doentes com psoríase para o privado**

URL:

<https://www.publico.pt/sociedade/noticia/falta-de-resposta-do-sns-empurra-doentes-com-psoríase-para-o-privado-1748724>

Por Lusa

25/10/2016 - 10:08

Estudo mostra que os pacientes têm custos mais elevados no tratamento da doença.

Estudo foi coordenado pela investigadora Sofia Oliveira Martins DR

Doenças  
Saúde

Mais de metade dos doentes com psoríase são seguidos no sector privado por falta de resposta do Serviço Nacional de Saúde, apesar de a referência feita pelo médico de família ser a adequada, revela um estudo pioneiro apresentado esta terça-feira.

O estudo Pessoa - viver com psoríase, desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e a Associação de doentes de psoríase, é o maior estudo epidemiológico alguma vez feito sobre a doença, pela dimensão da amostra (cerca de 600 doentes), pela abrangência geográfica (continente e ilhas) e pela abrangência dos domínios estudados - caracterização dos doentes, acesso aos cuidados de saúde, qualidade de vida dos doentes e os aspectos terapêuticos.

Segundo a investigadora que coordenou o estudo, Sofia Oliveira Martins, da Faculdade de Farmácia, este estudo surgiu da necessidade de se ter uma "fotografia desta população", uma vez que havia muitos dados parciais sobre doentes de psoríase, mas não havia ainda dados globais.

Esta necessidade surgiu porque em 2016 a Organização Mundial da Saúde (OMS) mudou a visão sobre a psoríase e emitiu um report especial, focando o facto de que a psoríase devia deixar de ser vista como doença da pele e passar a ser vista como doença sistémica, em que as principais manifestações são da pele, mas com muitas outras comorbilidades, nomeadamente cardíaca e depressão. Na opinião da investigadora, este estudo nacional tem ainda a mais-valia de transmitir uma visão que é a reportada pelo próprio doente.

Entre as principais conclusões do estudo, a que Sofia Oliveira Martins mais destaca pela sua gravidade é a de que apesar de haver uma boa referência para diagnóstico - os doentes com facilidade tiveram acesso ao dermatologista para fazer diagnóstico - depois para serem seguidos, mais de 50% da amostra é seguida no sector privado.

De acordo com os dados do estudo, 51,9% são seguidos no privado, 27,4% nos hospitais públicos e 20,8% nos centros de saúde. Uma das razões para isto acontecer, invocada pelos doentes, é que o SNS não dá resposta de todo para o seguimento para os casos de psoríase.

"Em termos de custos para o doente isto é extremamente gravoso", até porque os medicamentos usados no público são diferentes do privado. "Alguns medicamentos são só de uso hospitalar ao nível do SNS e aos quais, porque são tão caros, o doente do privado não tem acesso", afirmou. Trata-se de medicamentos mais inovadores e que abordam a doença na sua globalidade, ao contrário dos que são

usados pela maioria da população inquirida e que são os aplicados na pele.

Em termos de impacto financeiro, cerca de 34% referem que gastam mais de 50 euros por consulta e quase 70% gastam pelo menos 43 euros por mês em medicamentos. A estes valores acrescem os custos com as deslocações, que podem ir dos cinco euros até mais de 20 euros.

Outra conclusão que saltou à vista foi que apesar de a maior parte dos doentes estarem tratados, mais de metade continua a ter sintomas quase todos os dias, ou seja o seguimento que é feito não permite ao doente deixar de lidar diariamente com os sintomas. O impacto na qualidade de vida dos doentes é outro dos aspectos dominantes, sobretudo na componente dor e mau estar e ansiedade e depressão.

#### Mudança de paradigma

Com este estudo, apresentado nesta terça-feira na Assembleia da República, a investigadora pretende influenciar os decisores políticos no sentido de tentar mudar o acesso aos cuidados de saúde do SNS, alertando para que se trata de uma doença crónica que não tem cura, sendo pois "fundamental que os doentes possam ter acesso a este sistema para que possam ser tratados".

O segundo passo a ser dado é o de sensibilizar os doentes e a população em geral para que "a psoríase não é uma doença de pele, é uma doença sistémica que tem que ser tratada como tal, uma doença do organismo todo, do sistema imune, auto-imune, e que tem que ser tratada como um todo e não apenas como dermatológica".

Na opinião de Sofia Oliveira Martins é importante também sensibilizar a própria comunidade clínica, não os dermatologistas que o sabem, mas os médicos de medicina geral e familiar, no sentido, por exemplo, das comorbilidades, em que "cerca de 30% da população tem depressão, outro tanto hipertensão, artrite psoriática".

A investigadora diz querer mudar o paradigma, da mesma forma que a Organização Mundial da Saúde o fez, mas baseado em dados nacionais.

25/10/2016 - 10:08

**Doentes com Psoríase empurrados para o privado**

URL:

<http://www.radio94fm.pt/index.php/2013-04-17-22-31-57/informacao/28808-doentes-com-psoriase-empurrados-para-o-privado>

O Serviço Nacional de Saúde (SNS) não tem capacidade de resposta para os doentes com Psoríase e por isso mais de metade são seguidos no setor privado revela o estudo "Pessoa -- viver com psoríase", desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e a Associação de doentes de psoríase. Contudo o estudo mostra que a referência feita pelo médico de família é adequada.

Esta é uma situação que em nada beneficia o doente porque a medicação usada no tratamento é muito cara e alguma é apenas de uso hospitalar.

Este estudo vai ser apresentado hoje, na Assembleia da República, o objetivo é conseguir que estes doentes encontrem uma resposta de tratamento no SNS.

Através deste estudo a Associação de doentes com Psoríase também pretende sensibilizar os doentes e a população em geral para que "a psoríase não é uma doença de pele, é uma doença sistémica que tem que ser tratada como tal, uma doença do organismo todo, do sistema imune, autoimune, e que tem que ser tratada como um todo e não apenas como dermatológica"

**Falta de resposta do SNS obriga doentes com psoríase a recorrer ao setor privado**

URL:

<http://www.jornalmedico.pt/2016/10/25/falta-de-resposta-do-sns-obriga-doentes-com-psoríase-a-recorrer-ao-setor-privado/>

Um estudo desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e a Associação de doentes de psoríase concluiu que mais de metade dos doentes com psoríase são seguidos no setor privado por falta de resposta do Serviço Nacional de Saúde, apesar de a referenciação feita pelo médico de família ser a adequada.

O estudo "Pessoa - viver com psoríase" envolveu cerca de 600 doentes, tornando-se a maior análise nesta área, quer pela dimensão da sua amostra, quer pela abrangência geográfica (continente e ilhas) e dos domínios estudados que contemplam a caracterização dos doentes, o acesso aos cuidados de saúde, a qualidade de vida dos doentes e os aspetos terapêuticos.

Segundo a investigadora que coordenou o estudo, Sofia Oliveira Martins, da Faculdade de Farmácia, esta investigação surgiu da necessidade de se ter uma "fotografia desta população", uma vez que havia muitos dados parciais sobre doentes de psoríase, mas não havia ainda dados globais.

E esta necessidade surgiu porque em 2016 a Organização Mundial da Saúde (OMS) mudou a visão sobre a psoríase e emitiu um 'report' especial, focando o facto de que a psoríase devia deixar de ser vista como doença da pele e passar a ser vista como doença sistémica, em que as principais manifestações são da pele, mas com muitas outras comorbilidades, nomeadamente cardíaca e depressão.

Na opinião de Sofia Oliveira Martins, este estudo nacional tem ainda a mais-valia de transmitir uma visão que é a reportada pelo próprio doente.

Entre as principais conclusões do estudo, a que Sofia Oliveira Martins mais destaca pela sua gravidade é a de que apesar de haver uma boa referenciação para diagnóstico - os doentes com facilidade tiveram acesso ao dermatologista para fazer diagnóstico - depois para serem seguidos, mais de 50% da amostra é seguida no setor privado.

De acordo com os dados do estudo, 51,9% são seguidos no privado, 27,4% nos hospitais públicos e 20,8% nos centros de saúde.

Uma das razões para isto acontecer, invocada pelos doentes, é que o SNS não dá resposta de todo para o seguimento para os casos de psoríase.

"Em termos de custos para o doente isto é extremamente gravoso", até porque os medicamentos usados no público são diferentes do privado.

"Alguns medicamentos são só de uso hospitalar ao nível do SNS e aos quais, porque são tão caros, o doente do privado não tem acesso", afirmou.

Trata-se de medicamentos mais inovadores e que abordam a doença na sua globalidade, ao contrário dos que são usados pela maioria da população inquirida e que são os aplicados na pele.

Em termos de impacto financeiro, cerca de 34% referem que gastam mais de 50 euros por consulta e quase 70% gastam pelo menos 43 euros por mês em medicamentos.



A estes valores acrescentam os custos com as deslocações, que podem ir dos 5 euros até mais de 20 euros.

Outra conclusão que saltou à vista foi que apesar de a maior parte dos doentes estarem tratados, mais de metade continua a ter sintomas quase todos os dias, ou seja o seguimento que é feito não permite ao doente deixar de lidar diariamente com os sintomas.

O impacto na qualidade de vida dos doentes é outro dos aspetos dominantes, sobretudo na componente dor e mau estar e ansiedade e depressão.

Com este estudo, que vai ser hoje apresentado na Assembleia da República, a investigadora pretende influenciar os decisores políticos no sentido de tentar mudar o acesso aos cuidados de saúde do SNS, alertando para que se trata de uma doença crónica que não tem cura, sendo pois "fundamental que os doentes possam ter acesso a este sistema para que possam ser tratados".

O segundo passo a ser dado é o de sensibilizar os doentes e a população em geral para que "a psoríase não é uma doença de pele, é uma doença sistémica que tem que ser tratada como tal, uma doença do organismo todo, do sistema imune, autoimune, e que tem que ser tratada como um todo e não apenas como dermatológica".

Na opinião de Sofia Oliveira Martins é importante também sensibilizar a própria comunidade clínica, não os dermatologistas que o sabem, mas os médicos de medicina geral e familiar, no sentido, por exemplo, das comorbilidades, em que "cerca de 30% da população tem depressão, outro tanto hipertensão, artrite psoriática".

A investigadora diz querer mudar o paradigma, da mesma forma que a Organização Mundial da Saúde o fez, desta vez baseado em dados nacionais.

29 Visualizações 29 Visualizações (hoje)

## Estudo indica que a maior parte dos doentes com psoríase é seguida no privado por falta de resposta do SNS

URL:

<http://observador.pt/2016/10/25/estudo-indica-que-a-maior-parte-dos-doentes-com-psoríase-e-seguida-no-privado-por-falta-de-resposta-do-sns/>

### Doenças

Este estudo foi desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e é o maior alguma vez feito sobre a doença. Um dos focos é o facto desta doença poder vir a trazer outro tipo de problemas de saúde.

De acordo com a investigadora, este estudo tem a mais-valia de transmitir uma visão que é a reportada pelo próprio doente

EVERETT KENNEDY BROWN/EPA

Mais de metade dos doentes com psoríase são seguidos no setor privado por falta de resposta do Serviço Nacional de Saúde, apesar de a referência feita pelo médico de família ser a adequada, revela um estudo pioneiro apresentado esta terça-feira.

O estudo "Pessoa - viver com psoríase", desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e a Associação de doentes de psoríase, é o maior estudo epidemiológico alguma vez feito sobre a doença, pela dimensão da amostra (cerca de 600 doentes), pela abrangência geográfica (continente e ilhas) e pela abrangência dos domínios estudados - caracterização dos doentes, acesso aos cuidados de saúde, qualidade de vida dos doentes e os aspetos terapêuticos.

Segundo a investigadora que coordenou o estudo, Sofia Oliveira Martins, da Faculdade de Farmácia, este estudo surgiu da necessidade de se ter uma "fotografia desta população", uma vez que havia muitos dados parciais sobre doentes de psoríase, mas não havia ainda dados globais.

E esta necessidade surgiu porque, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2016, mudou a visão sobre a psoríase e emitiu um 'report' especial, focando-se no facto de que a psoríase devia deixar de ser vista como doença da pele e passar a ser vista como doença sistémica, em que as principais manifestações são da pele, mas com muitas outras comorbilidades, nomeadamente cardíaca e depressão.

Na opinião da investigadora, este estudo nacional tem ainda a mais-valia de transmitir uma visão que é a reportada pelo próprio doente.

Entre as principais conclusões do estudo, a que Sofia Oliveira Martins mais destaca pela sua gravidade é a de que apesar de haver uma boa referência para diagnóstico - os doentes com facilidade tiveram acesso ao dermatologista para fazer diagnóstico - depois para serem seguidos, mais de 50% da amostra é seguida no setor privado.

De acordo com os dados do estudo, 51,9% são seguidos no privado, 27,4% nos hospitais públicos e 20,8% nos centros de saúde.

Uma das razões para isto acontecer, invocada pelos doentes, é que o SNS não dá resposta de todo para o seguimento para os casos de psoríase.

"Em termos de custos para o doente isto é extremamente gravoso", até porque os medicamentos usados no público são diferentes do privado.

"Alguns medicamentos são só de uso hospitalar ao nível do SNS e aos quais, porque são tão caros, o doente do privado não tem acesso", afirmou.

Trata-se de medicamentos mais inovadores e que abordam a doença na sua globalidade, ao contrário dos que são usados pela maioria da população inquirida e que são os aplicados na pele.

Em termos de impacto financeiro, cerca de 34% referem que gastam mais de 50 euros por consulta e quase 70% gastam pelo menos 43 euros por mês em medicamentos.

A estes valores acrescem os custos com as deslocações, que podem ir dos cinco euros até mais de 20 euros.

Outra conclusão que saltou à vista foi que, apesar de a maior parte dos doentes estarem tratados, mais de metade continua a ter sintomas quase todos os dias, ou seja o seguimento que é feito não permite ao doente deixar de lidar diariamente com os sintomas.

O impacto na qualidade de vida dos doentes é outro dos aspetos dominantes, sobretudo na componente dor e mau estar e ansiedade e depressão.

Com este estudo, que vai ser hoje apresentado na Assembleia da República, a investigadora pretende influenciar os decisores políticos no sentido de tentar mudar o acesso aos cuidados de saúde do SNS, alertando para que se trata de uma doença crónica que não tem cura, sendo pois "fundamental que os doentes possam ter acesso a este sistema para que possam ser tratados".

O segundo passo a ser dado é o de sensibilizar os doentes e a população em geral para que "a psoríase não é uma doença de pele, é uma doença sistémica que tem que ser tratada como tal, uma doença do organismo todo, do sistema imune, autoimune, e que tem que ser tratada como um todo e não apenas como dermatológica".

Na opinião de Sofia Oliveira Martins é importante também sensibilizar a própria comunidade clínica, não os dermatologistas que o sabem, mas os médicos de medicina geral e familiar, no sentido, por exemplo, das comorbilidades, em que "cerca de 30% da população tem depressão, outro tanto hipertensão, artrite psoriática".

A investigadora diz querer mudar o paradigma, da mesma forma que a Organização Mundial da Saúde o fez, mas baseado em dados nacionais.

25/10/2016, 7:52

Agência Lusa

**Doentes com psoríase empurrados para o privado**

URL:

[http://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/doentes-com-psorlase-empurrados-para-o-privado?ref=Bloco\\_CMAoMinuto](http://www.cmjornal.pt/sociedade/detalhe/doentes-com-psorlase-empurrados-para-o-privado?ref=Bloco_CMAoMinuto)

Falta de resposta do SNS.

Mais de metade dos doentes com psoríase são seguidos no setor privado por falta de resposta do Serviço Nacional de Saúde, apesar de a referência feita pelo médico de família ser a adequada, revela um estudo pioneiro hoje apresentado.

O estudo "Pessoa -- viver com psoríase", desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e a Associação de doentes de psoríase, é o maior estudo epidemiológico alguma vez feito sobre a doença, pela dimensão da amostra (cerca de 600 doentes), pela abrangência geográfica (continente e ilhas) e pela abrangência dos domínios estudados -- caracterização dos doentes, acesso aos cuidados de saúde, qualidade de vida dos doentes e os aspetos terapêuticos.

Segundo a investigadora que coordenou o estudo, Sofia Oliveira Martins, da Faculdade de Farmácia, este estudo surgiu da necessidade de se ter uma "fotografia desta população", uma vez que havia muitos dados parciais sobre doentes de psoríase, mas não havia ainda dados globais.

E esta necessidade surgiu porque em 2016 a Organização Mundial da Saúde (OMS) mudou a visão sobre a psoríase e emitiu um 'report' especial, focando o facto de que a psoríase devia deixar de ser vista como doença da pele e passar a ser vista como doença sistémica, em que as principais manifestações são da pele, mas com muitas outras comorbilidades, nomeadamente cardíaca e depressão.

Na opinião da investigadora, este estudo nacional tem ainda a mais-valia de transmitir uma visão que é a reportada pelo próprio doente.

Entre as principais conclusões do estudo, a que Sofia Oliveira Martins mais destaca pela sua gravidade é a de que apesar de haver uma boa referência para diagnóstico - os doentes com facilidade tiveram acesso ao dermatologista para fazer diagnóstico -- depois para serem seguidos, mais de 50% da amostra é seguida no setor privado.

De acordo com os dados do estudo, 51,9% são seguidos no privado, 27,4% nos hospitais públicos e 20,8% nos centros de saúde.

Uma das razões para isto acontecer, invocada pelos doentes, é que o SNS não dá resposta de todo para o seguimento para os casos de psoríase.

"Em termos de custos para o doente isto é extremamente gravoso", até porque os medicamentos usados no público são diferentes do privado.

"Alguns medicamentos são só de uso hospitalar ao nível do SNS e aos quais, porque são tão caros, o doente do privado não tem acesso", afirmou.

Trata-se de medicamentos mais inovadores e que abordam a doença na sua globalidade, ao contrário dos que são usados pela maioria da população inquirida e que são os aplicados na pele.

Em termos de impacto financeiro, cerca de 34% referem que gastam mais de 50 euros por consulta e quase 70% gastam pelo menos 43 euros por mês em medicamentos.

A estes valores acrescentam os custos com as deslocações, que podem ir dos 5 euros até mais de 20 euros.

Outra conclusão que saltou à vista foi que apesar de a maior parte dos doentes estarem tratados, mais de metade continua a ter sintomas quase todos os dias, ou seja o seguimento que é feito não permite ao doente deixar de lidar diariamente com os sintomas.

O impacto na qualidade de vida dos doentes é outro dos aspetos dominantes, sobretudo na componente dor e mau estar e ansiedade e depressão.

Com este estudo, que vai ser hoje apresentado na Assembleia da República, a investigadora pretende influenciar os decisores políticos no sentido de tentar mudar o acesso aos cuidados de saúde do SNS, alertando para que se trata de uma doença crónica que não tem cura, sendo pois "fundamental que os doentes possam ter acesso a este sistema para que possam ser tratados".

O segundo passo a ser dado é o de sensibilizar os doentes e a população em geral para que "a psoríase não é uma doença de pele, é uma doença sistémica que tem que ser tratada como tal, uma doença do organismo todo, do sistema imune, autoimune, e que tem que ser tratada como um todo e não apenas como dermatológica".

Na opinião de Sofia Oliveira Martins é importante também sensibilizar a própria comunidade clínica, não os dermatologistas que o sabem, mas os médicos de medicina geral e familiar, no sentido, por exemplo, das comorbilidades, em que "cerca de 30% da população tem depressão, outro tanto hipertensão, artrite psoriática".

A investigadora diz querer mudar o paradigma, da mesma forma que a Organização Mundial da Saúde o fez, mas baseado em dados nacionais.

08:00

**Doentes com psoríase empurrados para o privado**

URL:

[http://www.sabado.pt/ultima\\_hora/detalhe/doentes\\_com\\_psoriase\\_empurrados\\_para\\_o\\_privado.html](http://www.sabado.pt/ultima_hora/detalhe/doentes_com_psoriase_empurrados_para_o_privado.html)

Falta de resposta do SNS. 25-10-2016 . CM Por Correio da Manhã Mais de metade dos doentes com psoríase são seguidos no setor privado por falta de resposta do Serviço Nacional de Saúde, apesar de a referenciação feita pelo médico de família ser a adequada, revela um estudo pioneiro hoje apresentado. O estudo "Pessoa -- viver com psoríase", desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e a Associação de doentes de psoríase, é o maior estudo epidemiológico alguma vez feito sobre a doença, pela dimensão da amostra (cerca de 600 doentes), pela abrangência geográfica (continente e ilhas) e pela abrangência dos domínios estudados -- caracterização dos doentes, acesso aos cuidados de saúde, qualidade de vida dos doentes e os aspetos terapêuticos. Segundo a investigadora que coordenou o estudo, Sofia Oliveira Martins, da Faculdade de Farmácia, este estudo surgiu da necessidade de se ter uma "fotografia desta população", uma vez que havia muitos dados parciais sobre doentes de psoríase, mas não havia ainda dados globais. E esta necessidade surgiu porque em 2016 a Organização Mundial da Saúde (OMS) mudou a visão sobre a psoríase e emitiu um 'report' especial, focando o facto de que a psoríase devia deixar de ser vista como doença da pele e passar a ser vista como doença sistémica, em que as principais manifestações são da pele, mas com muitas outras comorbilidades, nomeadamente cardíaca e depressão. Na opinião da investigadora, este estudo nacional tem ainda a mais-valia de transmitir uma visão que é a reportada pelo próprio doente. Entre as principais conclusões do estudo, a que Sofia Oliveira Martins mais destaca pela sua gravidade é a de que apesar de haver uma boa referenciação para diagnóstico - os doentes com facilidade tiveram acesso ao dermatologista para fazer diagnóstico -- depois para serem seguidos, mais de 50% da amostra é seguida no setor privado. De acordo com os dados do estudo, 51,9% são seguidos no privado, 27,4% nos hospitais públicos e 20,8% nos centros de saúde. Uma das razões para isto acontecer, invocada pelos doentes, é que o SNS não dá resposta de todo para o seguimento para os casos de psoríase. "Em termos de custos para o doente isto é extremamente gravoso", até porque os medicamentos usados no público são diferentes do privado. "Alguns medicamentos são só de uso hospitalar ao nível do SNS e aos quais, porque são tão caros, o doente do privado não tem acesso", afirmou. Trata-se de medicamentos mais inovadores e que abordam a doença na sua globalidade, ao contrário dos que são usados pela maioria da população inquirida e que são os aplicados na pele. Em termos de impacto financeiro, cerca de 34% referem que gastam mais de 50 euros por consulta e quase 70% gastam pelo menos 43 euros por mês em medicamentos. A estes valores acrescem os custos com as deslocações, que podem ir dos 5 euros até mais de 20 euros. Outra conclusão que saltou à vista foi que apesar de a maior parte dos doentes estarem tratados, mais de metade continua a ter sintomas quase todos os dias, ou seja o seguimento que é feito não permite ao doente deixar de lidar diariamente com os sintomas. O impacto na qualidade de vida dos doentes é outro dos aspetos dominantes, sobretudo na componente dor e mau estar e ansiedade e depressão. Com este estudo, que vai ser hoje apresentado na Assembleia da República, a investigadora pretende influenciar os decisores políticos no sentido de tentar mudar o acesso aos cuidados de saúde do SNS, alertando para que se trata de uma doença crónica que não tem cura, sendo pois "fundamental que os doentes possam ter acesso a este sistema para que possam ser tratados". O segundo passo a ser dado é o de sensibilizar os doentes e a população em geral para que "a psoríase não é uma doença de pele, é uma doença sistémica que tem que ser tratada como tal, uma doença do organismo todo, do sistema imune, autoimune, e que tem que ser tratada como um todo e não apenas como dermatológica". Na opinião de Sofia Oliveira Martins é importante também sensibilizar a própria comunidade clínica, não os dermatologistas que o sabem, mas os médicos de medicina geral e familiar, no sentido, por exemplo, das comorbilidades, em que "cerca de 30% da população tem depressão, outro tanto hipertensão, artrite psoriática". A investigadora diz querer mudar o paradigma, da mesma forma que a

Organização Mundial da Saúde o fez, mas baseado em dados nacionais.

25-10-2016 . CM

**Tratamento da psoríase em Portugal**

<http://www.pt.cision.com/s/?l=5aa1a752>

Mais de metade dos doentes de psoríase em Portugal tem de recorrer a sistemas privados de saúde para o tratamento por falta de disponibilidade do Serviço Nacional de Saúde para o fazer. A psoríase é um problema de pele, mas não é só. O primeiro inquérito nacional a doentes de psoríase é hoje divulgado e revela que são necessárias outras consultas clínicas além da dermatologia. Declarações de Sofia Oliveira Martins, do "Estudo Pessoa"/Faculdade de Farmácia de Lisboa.



**Doentes com psoríase seguidos no privado por falta de resposta do SNS**

URL:

<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/setor-privado/doentes-com-psoríase-seguidos-no-privado-por-falta-de-resposta-do-sns>

Tratamento da psoríase (REUTERS)

É o que revela um estudo foi desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa, o maior alguma vez feito sobre a doença

2016-10-25 09:50

Redação / AR

Mais de metade dos doentes com psoríase são seguidos no setor privado por falta de resposta do Serviço Nacional de Saúde, apesar de a referenciação feita pelo médico de família ser a adequada, revela um estudo pioneiro apresentado esta terça-feira.

O estudo "Pessoa - viver com psoríase", desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e a Associação de doentes de psoríase, é o maior estudo epidemiológico alguma vez feito sobre a doença, pela dimensão da amostra (cerca de 600 doentes), pela abrangência geográfica (continente e ilhas) e pela abrangência dos domínios estudados - caracterização dos doentes, acesso aos cuidados de saúde, qualidade de vida dos doentes e os aspetos terapêuticos.

De acordo com a investigadora que coordenou o estudo, Sofia Oliveira Martins, da Faculdade de Farmácia, este estudo surgiu da necessidade de se ter uma "fotografia desta população", uma vez que havia muitos dados parciais sobre doentes de psoríase, mas não havia ainda dados globais.

E esta necessidade surgiu porque em 2016 a Organização Mundial da Saúde (OMS) mudou a visão sobre a psoríase e emitiu um 'report' especial, focando o facto de que a psoríase devia deixar de ser vista como doença da pele e passar a ser vista como doença sistémica, em que as principais manifestações são da pele, mas com muitas outras comorbilidades, nomeadamente cardíaca e depressão.

Na opinião da investigadora, este estudo nacional tem ainda a mais-valia de transmitir uma visão que é a reportada pelo próprio doente.

Entre as principais conclusões do estudo, a que Sofia Oliveira Martins mais destaca pela sua gravidade é a de que apesar de haver uma boa referenciação para diagnóstico - os doentes com facilidade tiveram acesso ao dermatologista para fazer diagnóstico - depois para serem seguidos, mais de 50% da amostra é seguida no setor privado.

De acordo com os dados do estudo, 51,9% são seguidos no privado, 27,4% nos hospitais públicos e 20,8% nos centros de saúde.

Uma das razões para isto acontecer, invocada pelos doentes, é que o SNS não dá resposta de todo para o seguimento para os casos de psoríase.

"Em termos de custos para o doente isto é extremamente gravoso", até porque os medicamentos usados no público são diferentes do privado.

"Alguns medicamentos são só de uso hospitalar ao nível do SNS e aos quais, porque são tão caros, o doente do privado não tem acesso", afirmou.

Trata-se de medicamentos mais inovadores e que abordam a doença na sua globalidade, ao contrário dos que são usados pela maioria da população inquirida e que são os aplicados na pele.

Em termos de impacto financeiro, cerca de 34% referem que gastam mais de 50 euros por consulta e quase 70% gastam pelo menos 43 euros por mês em medicamentos.

A estes valores acrescem os custos com as deslocações, que podem ir dos 5 euros até mais de 20 euros.

Outra conclusão que saltou à vista foi que apesar de a maior parte dos doentes estarem tratados, mais de metade continua a ter sintomas quase todos os dias, ou seja o seguimento que é feito não permite ao doente deixar de lidar diariamente com os sintomas.

O impacto na qualidade de vida dos doentes é outro dos aspetos dominantes, sobretudo na componente dor e mau estar e ansiedade e depressão.

Com este estudo, que vai ser hoje apresentado na Assembleia da República, a investigadora pretende influenciar os decisores políticos no sentido de tentar mudar o acesso aos cuidados de saúde do SNS, alertando para que se trata de uma doença crónica que não tem cura, sendo pois "fundamental que os doentes possam ter acesso a este sistema para que possam ser tratados".

O segundo passo a ser dado é o de sensibilizar os doentes e a população em geral para que "a psoríase não é uma doença de pele, é uma doença sistémica que tem que ser tratada como tal, uma doença do organismo todo, do sistema imune, autoimune, e que tem que ser tratada como um todo e não apenas como dermatológica".

Na opinião de Sofia Oliveira Martins é importante também sensibilizar a própria comunidade clínica, não os dermatologistas que o sabem, mas os médicos de medicina geral e familiar, no sentido, por exemplo, das comorbilidades, em que "cerca de 30% da população tem depressão, outro tanto hipertensão, artrite psoriática".

A investigadora diz querer mudar o paradigma, da mesma forma que a Organização Mundial da Saúde o fez, mas baseado em dados nacionais.

2016-10-25T09:50:34

**Falta de resposta do SNS empurra doentes com psoríase para o privado**URL: <http://www.techitt.com/falta-resposta-do-sns-empurra-doentes-psoríase-privado-2/>

Mais de metade dos doentes com psoríase são seguidos no privado por falta de resposta do SNS, apesar de a referenciação feita pelo médico de família

Autor:

Agência Lusa

Mais de metade dos doentes com psoríase são seguidos no setor privado por falta de resposta do Serviço Nacional de Saúde, apesar de a referenciação feita pelo médico de família ser a adequada, revela um estudo pioneiro apresentado nesta terça-feira.

O estudo "Pessoa - viver com psoríase", desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e a Associação de doentes de psoríase, é o maior estudo epidemiológico alguma vez feito sobre a doença, pela dimensão da amostra (cerca de 600 doentes), pela abrangência geográfica (continente e ilhas) e pela abrangência dos domínios estudados - caracterização dos doentes, acesso aos cuidados de saúde, qualidade de vida dos doentes e os aspetos terapêuticos.

Segundo a investigadora que coordenou o estudo, Sofia Oliveira Martins, da Faculdade de Farmácia, este estudo surgiu da necessidade de se ter uma "fotografia desta população", uma vez que havia muitos dados parciais sobre doentes de psoríase, mas não havia ainda dados globais.

E esta necessidade surgiu porque em 2016 a Organização Mundial da Saúde (OMS) mudou a visão sobre a psoríase e emitiu um 'report' especial, focando o facto de que a psoríase devia deixar de ser vista como doença da pele e passar a ser vista como doença sistémica, em que as principais manifestações são da pele, mas com muitas outras comorbilidades, nomeadamente cardíaca e depressão.

Na opinião da investigadora, este estudo nacional tem ainda a mais-valia de transmitir uma visão que é a reportada pelo próprio doente.

Entre as principais conclusões do estudo, a que Sofia Oliveira Martins mais destaca pela sua gravidade é a de que apesar de haver uma boa referenciação para diagnóstico - os doentes com facilidade tiveram acesso ao dermatologista para fazer diagnóstico - depois para serem seguidos, mais de 50% da amostra é seguida no setor privado.

De acordo com os dados do estudo, 51,9% são seguidos no privado, 27,4% nos hospitais públicos e 20,8% nos centros de saúde.

Uma das razões para isto acontecer, invocada pelos doentes, é que o SNS não dá resposta de todo para o seguimento para os casos de psoríase.

"Em termos de custos para o doente isto é extremamente gravoso", até porque os medicamentos usados no público são diferentes do privado.

"Alguns medicamentos são só de uso hospitalar ao nível do SNS e aos quais, porque são tão caros, o doente do privado não tem acesso", afirmou.

Trata-se de medicamentos mais inovadores e que abordam a doença na sua globalidade, ao contrário dos que são usados pela maioria da população inquirida e que são os aplicados na pele.

Em termos de impacto financeiro, cerca de 34% referem que gastam mais de 50 euros por consulta e quase 70% gastam pelo menos 43 euros por mês em medicamentos.

A estes valores acrescem os custos com as deslocações, que podem ir dos 5 euros até mais de 20 euros.

Outra conclusão que saltou à vista foi que apesar de a maior parte dos doentes estarem tratados, mais de metade continua a ter sintomas quase todos os dias, ou seja o seguimento que é feito não permite ao doente deixar de lidar diariamente com os sintomas.

O impacto na qualidade de vida dos doentes é outro dos aspetos dominantes, sobretudo na componente dor e mau estar e ansiedade e depressão.

Com este estudo, que vai ser apresentado na Assembleia da República, nesta terça-feira, a investigadora pretende influenciar os decisores políticos no sentido de tentar mudar o acesso aos cuidados de saúde do SNS, alertando para que se trata de uma doença crónica que não tem cura, sendo pois "fundamental que os doentes possam ter acesso a este sistema para que possam ser tratados".

O segundo passo a ser dado é o de sensibilizar os doentes e a população em geral para que "a psoríase não é uma doença de pele, é uma doença sistémica que tem que ser tratada como tal, uma doença do organismo todo, do sistema imune, autoimune, e que tem que ser tratada como um todo e não apenas como dermatológica".

Na opinião de Sofia Oliveira Martins é importante também sensibilizar a própria comunidade clínica, não os dermatologistas que o sabem, mas os médicos de medicina geral e familiar, no sentido, por exemplo, das comorbilidades, em que "cerca de 30% da população tem depressão, outro tanto hipertensão, artrite psoriática".

A investigadora diz querer mudar o paradigma, da mesma forma que a Organização Mundial da Saúde o fez, mas baseado em dados nacionais.

2016-10-25T10:52:57+00:00

## Falta de resposta do SNS empurra doentes com psoríase para o privado | Atlas da Saúde

URL: <http://www.atlasdasaude.pt/publico/content/falta-de-resposta-do-sns-empurra-doentes-com-psoríase-para-o-privado>

Terça, 25 Outubro, 2016 - 10:25

O estudo "Pessoa - viver com psoríase", desenvolvido pela Faculdade de Farmácia de Lisboa e a Associação de doentes de psoríase, é o maior estudo epidemiológico alguma vez feito sobre a doença, pela dimensão da amostra (cerca de 600 doentes), pela abrangência geográfica (continente e ilhas) e pela abrangência dos domínios estudados - caracterização dos doentes, acesso aos cuidados de saúde, qualidade de vida dos doentes e os aspetos terapêuticos.

Segundo a investigadora que coordenou o estudo, Sofia Oliveira Martins, da Faculdade de Farmácia, este estudo surgiu da necessidade de se ter uma "fotografia desta população", uma vez que havia muitos dados parciais sobre doentes de psoríase, mas não havia ainda dados globais.

E esta necessidade surgiu porque em 2016 a Organização Mundial da Saúde (OMS) mudou a visão sobre a psoríase e emitiu um 'report' especial, focando o facto de que a psoríase devia deixar de ser vista como doença da pele e passar a ser vista como doença sistémica, em que as principais manifestações são da pele, mas com muitas outras comorbilidades, nomeadamente cardíaca e depressão.

Na opinião da investigadora, este estudo nacional tem ainda a mais-valia de transmitir uma visão que é a reportada pelo próprio doente.

Entre as principais conclusões do estudo, a que Sofia Oliveira Martins mais destaca pela sua gravidade é a de que apesar de haver uma boa referenciação para diagnóstico - os doentes com facilidade tiveram acesso ao dermatologista para fazer diagnóstico - depois para serem seguidos, mais de 50% da amostra é seguida no setor privado.

De acordo com os dados do estudo, 51,9% são seguidos no privado, 27,4% nos hospitais públicos e 20,8% nos centros de saúde.

Uma das razões para isto acontecer, invocada pelos doentes, é que o SNS não dá resposta de todo para o seguimento para os casos de psoríase.

"Em termos de custos para o doente isto é extremamente gravoso", até porque os medicamentos usados no público são diferentes do privado.

"Alguns medicamentos são só de uso hospitalar ao nível do SNS e aos quais, porque são tão caros, o doente do privado não tem acesso", afirmou.

Trata-se de medicamentos mais inovadores e que abordam a doença na sua globalidade, ao contrário dos que são usados pela maioria da população inquirida e que são os aplicados na pele.

Em termos de impacto financeiro, cerca de 34% referem que gastam mais de 50 euros por consulta e quase 70% gastam pelo menos 43 euros por mês em medicamentos.

A estes valores acrescem os custos com as deslocações, que podem ir dos 5 euros até mais de 20 euros.

Outra conclusão que saltou à vista foi que apesar de a maior parte dos doentes estarem tratados, mais de metade continua a ter sintomas quase todos os dias, ou seja o seguimento que é feito não permite ao doente deixar de lidar diariamente com os sintomas.

O impacto na qualidade de vida dos doentes é outro dos aspetos dominantes, sobretudo na componente dor e mau estar e ansiedade e depressão.

Com este estudo, que vai ser hoje apresentado na Assembleia da República, a investigadora pretende influenciar os decisores políticos no sentido de tentar mudar o acesso aos cuidados de saúde do SNS, alertando para que se trata de uma doença crónica que não tem cura, sendo pois "fundamental que os doentes possam ter acesso a este sistema para que possam ser tratados".

O segundo passo a ser dado é o de sensibilizar os doentes e a população em geral para que "a psoríase não é uma doença de pele, é uma doença sistémica que tem que ser tratada como tal, uma doença do organismo todo, do sistema imune, autoimune, e que tem que ser tratada como um todo e não apenas como dermatológica".

Na opinião de Sofia Oliveira Martins é importante também sensibilizar a própria comunidade clínica, não os dermatologistas que o sabem, mas os médicos de medicina geral e familiar, no sentido, por exemplo, das comorbilidades, em que "cerca de 30% da população tem depressão, outro tanto hipertensão, artrite psoriática".

A investigadora diz querer mudar o paradigma, da mesma forma que a Organização Mundial da Saúde o fez, mas baseado em dados nacionais.

Mais de metade dos doentes com psoríase são seguidos no setor privado por falta de resposta do Serviço Nacional de Saúde, apesar de a referência feita pelo médico de família ser a adequada, revela um estudo pioneiro hoje apresentado.

**Faltam especialistas no SNS para tratar a psoríase, diz investigadora**

URL:

<https://www.publico.pt/sociedade/noticia/faltam-especialistas-no-sns-para-tratar-a-psoriase-diz-investigadora-1748754>

Por Bárbara Duarte Mota

25/10/2016 - 16:45

Estudo foi apresentado na Assembleia da República nesta terça-feira.

Análise mostra que 56,2% das pessoas com psoríase vivem quase todos os dias com sintomas da doença Nelson Garrido

Os "recursos limitados do Serviço Nacional de Saúde", como "a falta de especialistas e a dificuldade na marcação" das consultas, dificultam o acesso dos doentes com psoríase aos cuidados de saúde, diz um estudo da Associação Portuguesa da Psoríase e da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa.

"Isto é uma doença que tem de ser tratada por dermatologistas, que não existem disponíveis ao nível do Serviço Nacional de Saúde", diz Sofia Oliveira Martins, responsável pelo trabalho intitulado PeSsOa - Viver com Psoríase.

No estudo, que teve o apoio da Novartis, e que foi apresentado nesta terça-feira, na Assembleia da República, no âmbito das comemorações do Dia Mundial da Psoríase, que se assinala a 29 de Outubro, defende-se que as falhas no Serviço Nacional de Saúde têm levado os doentes a recorrer ao sector privado, encarecendo os custos da doença. O inquérito que esteve na base desta análise mostra que 56,2% das pessoas com psoríase vivem quase todos os dias com sintomas da doença, como a depressão e a ansiedade.

"Nos Açores todos os doentes foram diagnosticados por dermatologistas, o que nem sempre acontece no Continente, onde só 75% dos doentes, aquando do diagnóstico, tiveram acesso a um dermatologista", revelou ao PÚBLICO Sofia Oliveira Martins, professora da Faculdade de Farmácia.

Doença auto-imune

"Muitos doentes e mesmo muitos clínicos vêem a psoríase como uma doença da pele, mas na realidade é uma doença auto-imune, em que o sistema imunitário agride o organismo a vários níveis, onde o mais visível é na pele", diz Sofia Oliveira Martins. "Ao mesmo tempo que aparecem sintomas na pele, aparecem sintomas a outros níveis, como no sistema nervoso central, que se revela na depressão e na ansiedade, e, sobretudo, ao nível cardíaco", havendo maior probabilidade de terem hipertensão e até um AVC.

João Ramos, deputado do PCP, defendeu nesta terça-feira que este estudo revela as dificuldades que o SNS ainda vive e que devem ser resolvidas, porque "quem não tem uma resposta merece e tem direito a tê-la".

A investigação, que é a primeira ao nível clínico-epidemiológico em Portugal, "pretendeu caracterizar o perfil dos doentes portugueses, assim como o acesso a cuidados de saúde, a utilização de recursos e tratamento, quantificar o impacto social e económico associado à psoríase e estimar o impacto laboral/escolar, familiar e social associado à doença e ao seu tratamento", disse em nota de imprensa

a Associação Portuguesa da Psoríase.

250 mil doentes

O estudo foi feito com base em 564 respostas válidas a um inquérito. A maioria dos doentes inquiridos são do sexo feminino (62%), com idades entre os 18 e os 65 anos; 72,1% são trabalhadores activos. Destas respostas, 67,5% têm o diagnóstico da doença há mais de 10 anos.

A psoríase é uma doença crónica inflamatória, auto-imune e não-contagiosa, que se caracteriza pelo aparecimento de eritemas cobertos por escamas de cor esbranquiçada. Afecta entre 1% a 3% da população mundial e em Portugal estima-se que atinja 250 mil doentes.

Este ano, a Organização Mundial da Saúde caracterizou a psoríase como "uma doença sistémica, que afecta o corpo todo". E publicou também o WHO Global Report on Psoriasis, que "ênfatiza a necessidade de aumentar a investigação terapêutica e capacitar os decisores políticos com soluções práticas para melhorar a saúde e inclusão social das pessoas afectadas.

No debate desta terça-feira na Assembleia da República, também foi lançada a campanha Uma pele para a vida, que conta a história de cinco pessoas que vivem diariamente com a doença, que pretende sensibilizar as pessoas para as consequências da psoríase.

25/10/2016 - 16:45